

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE DOCENTE: Percepções de professores do ensino médio diante das transformações educacionais contemporâneas

Social Representations and Teacher Identity: Perceptions of High School Teachers in the Face of Contemporary Educational Transformations

Roberta Moreira Arantes¹, Alessandro Messias Moreira², Ernani de Souza Guimarães Júnior³

¹ UNIS/MG, Varginha, Minas Gerais, E-mail: roberta.arantes@unis.edu.br
0009-0009-8723-585X

² UNIS/MG, Varginha, Minas Gerais, E-mail: alessandromoreira@unis.edu.br
0000-0001-8120-6219

³ UNIS/MG, Varginha, Minas Gerais, E-mail: ernani.junior@unis.edu.br,
0000-0003-4793-8648

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como as representações sociais do “ser professor” influenciam os processos de constituição da identidade docente na contemporaneidade, especialmente diante das transformações provocadas pela implementação do Novo Ensino Médio e pelas mudanças sociais e tecnológicas recentes. Justifica-se pela crescente precarização da profissão, marcada por sobrecarga de trabalho, desvalorização social e ausência de políticas efetivas de valorização, fatores que impactam diretamente a forma como esses profissionais se percebem e atuam. A pesquisa foi realizada com 21 professores do Ensino Médio das cidades de Cordislândia e São Gonçalo do Sapucaí (MG), por meio de questionários dissertativos aplicados fora do ambiente escolar, devido a restrições institucionais. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, com amostragem por conveniência e análise de conteúdo realizada com o auxílio do software ATLAS.ti, permitindo a categorização e interpretação das falas dos participantes. Os resultados revelam que os docentes constroem suas identidades profissionais a partir de narrativas marcadas por resistência, e compromisso ético, mesmo diante de um cenário de desvalorização e instabilidade. As representações sociais se apresentam como mecanismos simbólicos que sustentam a permanência na profissão, evidenciando tensões entre tradição e inovação, entre o reconhecimento social e o desgaste cotidiano. O estudo contribui para o debate sobre políticas públicas e formação docente, ao evidenciar a importância de escutar os professores e compreender os sentidos que atribuem à sua prática e à própria profissão.

Palavras-chave: Identidade docente; Representações sociais; Novo Ensino Médio; Valorização profissional.

1. INTRODUÇÃO

O exercício da docência tem sido amplamente reconhecido como uma das atividades profissionais mais suscetíveis ao estresse na contemporaneidade. Essa constatação suscita reflexões acerca de múltiplas dimensões que envolvem o ser docente, especialmente no que se refere aos modos pelos quais os professores constroem o reconhecimento de si enquanto profissionais.

Sendo assim, diante das complexas dinâmicas que envolvem a constituição da identidade docente, observa-se a presença de múltiplas influências provenientes dos discursos sociais, dos documentos oficiais e das instâncias de formação acadêmica. Esses elementos parecem exercer um papel significativo na formação das representações que circulam sobre o que é ser professor. Paralelamente, as constantes transformações da sociedade moderna, incidem sobre as práticas, percepções e modos de atuação desse sujeito, gerando deslocamentos que afetam sua imagem profissional.

Assim sendo, sob a perspectiva das representações sociais, emerge a indagação sobre os processos pelos quais o professor se reconhece como tal e como essa identificação se articula com sua prática cotidiana, ganhando relevância o debate acerca da figura docente, ou seja, estaria ela atravessando uma crise de identidade ou, ao contrário, manifestando uma nova configuração que responde às exigências contemporâneas?.

Historicamente, a figura do docente perfaz a ideia de cuidado, do auxílio, apoio e zelo, sendo que, Moreira & Chamon (2012, p.23), sinalizam que o trabalho do professor é referenciado na coletividade, na interação com os pares educativos, com os alunos, com a comunidade escolar, com o conhecimento e com a cultura. Scheibe e Aguiar (1999, p.234, apud Moreira & Chamon, 2012, p. 23), por sua vez, ao considerarem o processo de formação desse profissional, identificam que estes pautam sua prática pedagógica no currículo, que lhe oferece subsídios, para inserção dos discentes na realidade social, econômica e do trabalho.

A partir da pandemia, por exemplo, os professores tiveram que buscar alternativas para o ensino-aprendizagem, a socialização diminuiu e o “ser professor” foi descaracterizado pela implementação de novas práticas pedagógicas e de interação social, naquele momento mediado pelas tecnologias.

Junto a isto, a implantação do “Novo Ensino Médio” em 2022 (Lei Federal nº 13.415/2017), flexibilizou e diversificou o currículo com a proposta de novos itinerários. O modelo propõe uma organização curricular composta por uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e itinerários formativos, que permitem ao aluno aprofundar-se em áreas de conhecimento ou em uma formação técnica e profissional. Essa reformulação busca promover maior protagonismo juvenil, aproximar a escola das realidades sociais e do mundo do trabalho e desenvolver competências essenciais para a cidadania e a vida em sociedade. Contudo, sua implementação tem suscitado debates sobre desigualdades estruturais, condições de oferta e impactos na identidade docente.

Ao mesmo tempo, poucas foram as formações iniciais e continuadas oferecidas pelos sistemas de ensino aos docentes. A sobrecarga e as cobranças por resultados aumentaram. Desta forma, ficou evidente a necessidade de correlacionar tais questões, refletindo sobre o que é ser professor no contexto atual e quais elementos corroboram com a construção identitária.

Para fomentar tal tema, 21 profissionais atuantes no ensino médio nos municípios de Cordislândia e São Gonçalo do Sapucaí, Sul de Minas Gerais, responderam a um questionário, contendo 18 perguntas dissertativas. Entre as perguntas apresentadas aos docentes, encontravam-se: “Como tornou-se professor?”, “O que é ser professor hoje em dia?”, “Quais os principais desafios em ser professor?”, “O que lhe traz satisfação na profissão?”, “Como você acredita que a sociedade vê a profissão do professor hoje em dia?” e “Qual sua perspectiva futuro na profissão?”.

Sabe-se via dados do Qedu (<https://qedu.org.br>) que o município de São Gonçalo do Sapucaí possui 63 professores que atuam no Ensino Médio nas escolas públicas. Já na cidade de Cordislândia, segundo o mesmo site, consta que 17 docentes atuam nesta etapa de ensino. Entrevistou-se 14 docentes em Cordislândia e 7 em São Gonçalo do Sapucaí.

Ressalta-se que na época da pesquisa de campo (setembro e outubro - 2025), o governo estadual emitiu uma resolução proibindo qualquer atividade ou pesquisa no interior das unidades escolares da Rede Pública Estadual. Dessa forma, a proximidade do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e a exigência estadual de que os professores focassem nesta prova externa dificultou a abordagem inicialmente

programada. Motivo pelo qual, realizou-se o contato individual com cada professor participante, sendo que, o questionário composto por questões abertas e fechadas, foi entregue para que as respostas ocorressem fora do ambiente escolar.

Logo, nosso objetivo foi compreender como as representações sociais do “ser professor” influenciam os processos de constituição da identidade docente na contemporaneidade, especialmente diante das transformações provocadas pela implementação do Novo Ensino Médio e pelas mudanças sociais e tecnológicas recentes. Nessa lógica, o entendimento de como essas representações repercutem nos modos de ser e agir dos professores, afetando suas percepções sobre o papel social que exercem e sobre o sentido que atribuem à própria docência tornou-se crucial, além da investigação da relação entre tais construções simbólicas e os sentidos subjetivos que os professores atribuem a si mesmos, à profissão e às práticas pedagógicas que desenvolvem também chamam a atenção e motivaram o estudo.

Tal pesquisa fundamenta-se e justifica-se na compreensão de que o trabalho do professor vem passando por um intenso processo de reconfiguração, impulsionado tanto por reformas educacionais quanto pelas transformações impostas por eventos recentes, como a pandemia, fortalecimento e uso da inteligência artificial e o advento do Novo Ensino Médio. Essas mudanças têm produzido um cenário de precarização e desvalorização da profissão, com efeitos diretos sobre a identidade dos professores e sobre as condições concretas de exercício da docência.

Participar deste debate, escutar as vozes dos principais atores sociais e problematizar não apenas o modo como o professor é visto socialmente, mas também como ele se reconhece enquanto sujeito e profissional, constitui um passo fundamental para compreender as implicações simbólicas, subjetivas e políticas que atravessam esta profissão.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

Para a Psicologia Social, a Teoria das Representações Sociais (RS), desenvolvida inicialmente por Serge Moscovici (1961, 1964), propõe uma nova forma de compreender a relação entre o indivíduo e o coletivo. Essa teoria evidencia como os conhecimentos, valores e significados compartilhados socialmente são interiorizados pelos sujeitos, influenciando suas formas de pensar, agir e posicionar-se no mundo. Ao

mesmo tempo, os indivíduos, movidos por essas representações, também contribuem para sua reprodução e transformação. Assim, a interação entre pessoa e contexto social é fundamental para a construção do senso comum, dos comportamentos e dos valores coletivos. Desse modo, a teoria das RS oferece uma perspectiva processual sobre a constituição das identidades e dos grupos sociais, ressaltando o papel das construções simbólicas na formação da subjetividade.

Nesse contexto, Moscovici propõe uma ruptura com os pressupostos positivistas que orientaram as primeiras abordagens do social. Embora **Émile Durkheim** tenha sido pioneiro ao introduzir o conceito de **representações coletivas**, sua visão acabou por restringir o papel do indivíduo, tratando-o como passivo diante das forças sociais. Para Durkheim, as representações coletivas são fenômenos autônomos e não se reduzem à soma das representações individuais (Moscovici, 1961). Ainda que sua contribuição tenha sido relevante para compreender o caráter estruturante do social, ele não reconhece o sujeito como agente ativo na construção dessas representações. Moscovici, ao contrário, confere ao indivíduo um papel dinâmico, destacando a dimensão dialógica e transformadora das interações sociais na produção das representações.

De acordo com o autor, as representações sociais podem ser compreendidas como “um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana, no curso das comunicações interpessoais [...] o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais” (Moscovici, 1961, p. 181). Para que essas representações se formem e circulem, Moscovici identifica dois processos fundamentais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem permite que algo novo, estranho ou perturbador seja incorporado às categorias já existentes no sistema de valores de um grupo, conferindo-lhe significado. Já a objetivação transforma esse conceito abstrato em algo concreto, visualizável e partilhável, tornando o não familiar em elemento reconhecível da realidade cotidiana. Esses processos garantem que as representações sociais não apenas expliquem o mundo, mas também o tornem habitável, orientando o agir individual e coletivo.

Complementarmente, conforme Valsiner (2015, p. 33-34, apud Jesuíno et al.), *as representações sociais podem manifestar-se em três níveis concorrentes: o impessoal, o interpessoal e o pessoal (intrapessoal)*. No nível impessoal, as representações são percebidas como pertencentes a todos; no interpessoal, pertencem aos outros com quem o sujeito se relaciona; e no pessoal, são sentidas afetivamente como próprias do ego. Essa perspectiva amplia o entendimento moscoviciano, pois reconhece que as

representações circulam entre o social e o individual, sendo continuamente negociadas e ressignificadas. Assim, diferentemente de Durkheim, a teoria das RS evidencia o sujeito como agente partícipe e produtor de sentido, inserido num sistema simbólico em constante transformação.

Nesse cenário, marcado por mudanças sociais, tecnológicas e econômicas, como a implementação do Novo Ensino Médio, o avanço da inteligência artificial e as cobranças por metas educacionais, as representações sociais exercem papel determinante na forma como professores e alunos se percebem e se posicionam diante do mundo. A identidade docente, portanto, é atravessada por essas representações, que se ancoram em tradições, valores e experiências, ao mesmo tempo em que se objetivam em práticas, discursos e atitudes cotidianas. Assim, compreender as representações sociais do “ser professor” é compreender também os modos como esses sujeitos atribuem sentido à sua profissão e ao seu lugar na sociedade contemporânea.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Inicialmente, após problematização do referencial teórico, submeteu-se, em setembro, o Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP. Com a autorização para a pesquisa emitida, por meio do CAAE:xxxxx, iniciou-se a pesquisa de campo, viés qualitativo. Sabe-se que uma investigação qualitativa pondera a possibilidade de explorar um campo dinâmico que se estabelece a partir de aspectos sociais, culturais, históricos e políticos nos quais se produzem materialidades empíricas que necessitam ser analisadas a partir de técnicas que favoreçam: a apreensão das percepções, compreensões, sentidos e significados atribuídos e manifestados em relação ao objeto de estudo (Gatti, André, 2011 *apud*: Dalla Valle & Lima Ferreira, 2013, p. 4).

Desta forma, aplicou-se questionários com perguntas dissertativas, por meio da amostragem por conveniência. A amostragem por conveniência é um tipo de amostragem não-probabilística que contempla o custo e tempo (Downing; Clark, 2006, p.3). Tendo como auxílio, posteriormente do software ATLAS ti para organização e apresentação dos dados coletados.

Baseado nas respostas obtidas e após análise de cada discurso, determinou-se categorias de análise, que no software ATLAS.ti é denominado de códigos. Elencou-se,

portanto, 18 códigos/categorias para favorecer as interpretações e inferências a respeito da fala dos participantes do estudo. Por meio dos discursos, organizados por códigos e amparados por Bardin (1977), buscou-se compreender como os respondentes se identificam enquanto professor.

A perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (1977), permitiu identificar categorias temáticas emergentes a partir do discurso, evidenciando os sentidos, valores e representações que estruturam a identidade profissional. Por meio de um processo sistemático de categorização, inferência e interpretação, a análise de conteúdo possibilitou ir além do nível descritivo, alcançando a dimensão simbólica das falas, em que se manifestam as tensões entre tradição e inovação, reconhecimento e desvalorização.

Ressalta-se que essa escolha metodológica se alinha ao referencial teórico das Representações Sociais, permitindo compreender como os significados atribuídos pelos professores emergem e se organizam em seus discursos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os códigos identificados na análise, foram selecionados aqueles considerados mais relevantes, sendo: *Por que tornou-se professor?*, *Como é ser professor na atualidade?*, *Ser professor*, *O que é o Novo Ensino Médio*, *Impacto na prática educacional*, *Desafios*, *Satisfação com a profissão*, *Valorização* e *Professor no futuro*.

A escolha por aprofundar essas categorias está relacionada ao conteúdo emergente dos discursos, que revelaram aspectos significativos sobre a trajetória e a vivência profissional dos docentes. Por meio desses códigos, foi possível compreender como os professores entrevistados narram suas escolhas pela docência, descrevem a experiência de ser professor nos dias atuais, percebem os efeitos da implementação do Novo Ensino Médio, enfrentam os desafios cotidianos da profissão, expressam seu nível de satisfação e projetam expectativas para o futuro da carreira docente.

Destaca-se, inicialmente, que a maioria dos respondentes possuíam em média 30 anos ou mais de idade – 18 sujeitos. Apenas 3 docentes tinham idade inferior a 30

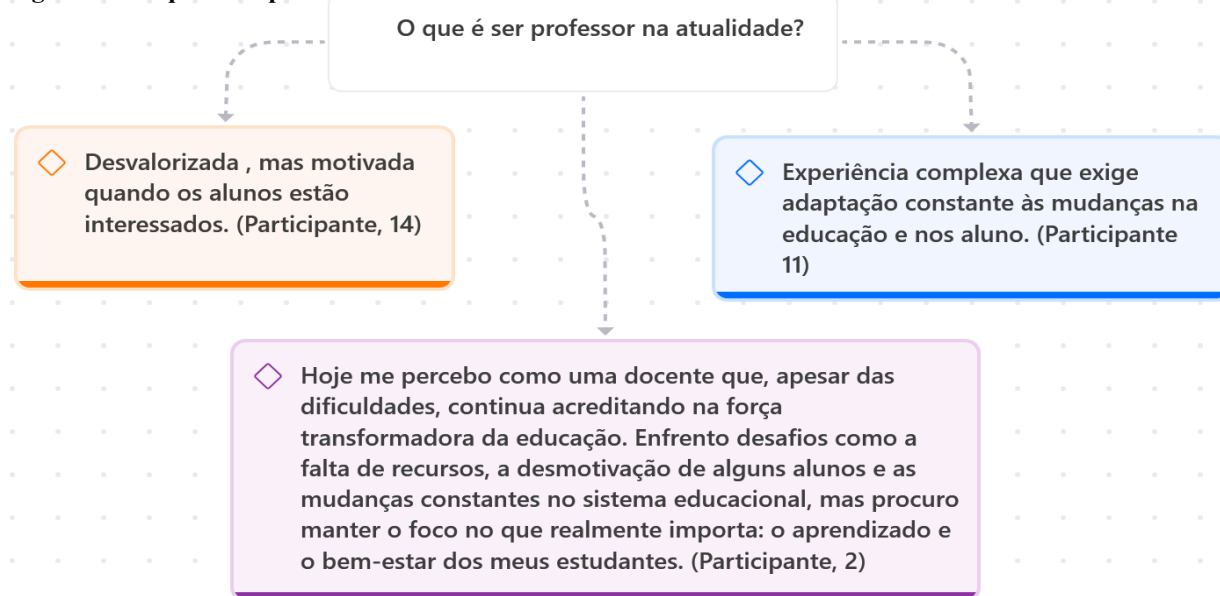
anos. O que revela que a classe de profissionais em educação tem envelhecido e que é muito pequena a entrada de novos profissionais na área.

Uma das questões do questionário, buscava identificar os motivos pelos quais tornaram-se professores, sendo que, 5 (cinco) entrevistados disseram que por falta de opção ou por não haver número suficientes de profissionais na área. A esse respeito o participante 9, destaca que “[...] a falta de oportunidade, era o que dava para fazer. Depois de 10 anos de formada, me interessei pela área.” Por sua vez, 16 sujeitos trouxeram como base de suas respostas: a admiração pela profissão, a influência de familiar e/ou professor(a). Encontra-se no discurso do participante 16 o seguinte: “Foi por conta de uma professora de redação do ensino médio. Além disso, sempre gostei do contato com pessoas.”

A análise das motivações que levaram os participantes a ingressarem na docência revela um quadro heterogêneo, marcado por dimensões tanto vocacionais quanto circunstanciais. Observou-se que parte dos entrevistados associou a escolha profissional a fatores de ordem pragmática, como a ausência de outras oportunidades ou a carência de profissionais na área, evidenciando que, para alguns, o magistério configurou-se inicialmente como uma alternativa contingencial de inserção no mercado de trabalho. Em contrapartida, a maioria dos respondentes indicou motivações de natureza afetiva e simbólica, vinculadas à admiração pela profissão e à influência de figuras significativas durante o processo de escolarização — especialmente professores e familiares.

Quando questionados sobre “o que é ser professor na atualidade”, obteve-se como respostas o apresentado na Figura 01:

Figura 01: O que é ser professor na atualidade



Fonte: Elaborado pelos autores

As falas descritas evidenciaram que a docência na contemporaneidade é atravessada por tensões, desafios e ressignificações constantes, revelando um campo profissional em permanente reconstrução. Os professores compreendem a si mesmos como sujeitos em formação contínua, cuja identidade se constrói na intersecção entre o compromisso ético com a educação e as múltiplas pressões estruturais que condicionam o trabalho docente. Apesar das adversidades, permanece o sentimento de pertencimento e de responsabilidade social, que se expressa na crença no poder transformador da educação.

Em “Formação de professores: condições e problemas”, Bernadete Gatti (2022, p. 162) afirma:

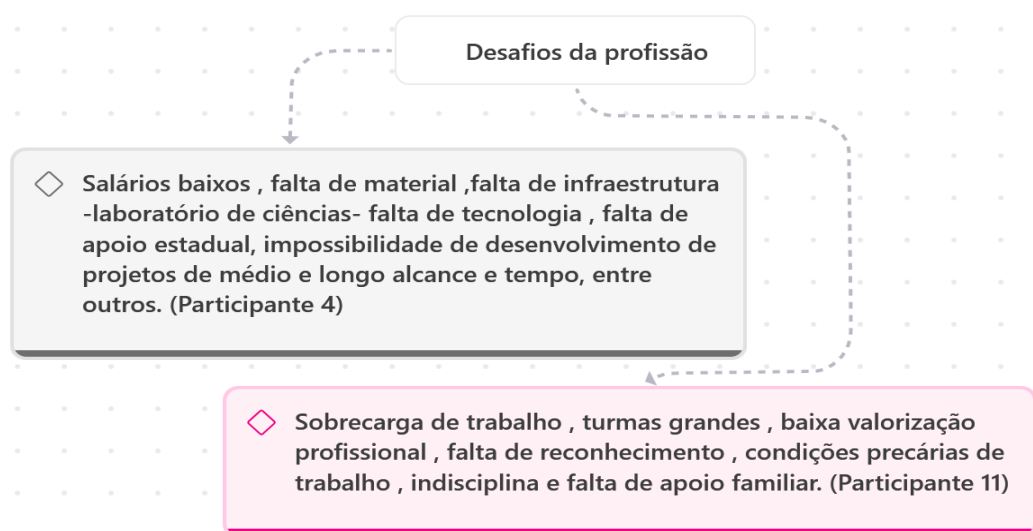
Preocupações com a melhor qualificação da formação de professores e com suas condições de exercício profissional não são recentes. Porém, hoje, avolumam-se essas preocupações ante o quadro agudo de desigualdades socioculturais que vivemos e ante os desafios que o futuro próximo parece nos colocar.

Ou seja, a fala dos professores confirmam o que a autora aponta. O evidenciar empiricamente que a profissão docente enfrenta desafios estruturais e contínuos, que a formação não dá conta totalmente e que há um cenário de renovação constante — tudo alinhado com a sua proposição de que a identidade docente se constrói num contexto de tensões, ética e responsabilidade social.

O exercício da profissão, entretanto, é permeado por intensos desafios. A sobrecarga de trabalho, a burocratização das práticas escolares, a indisciplina e o desinteresse discente, somados à ausência de apoio familiar e à precariedade das condições institucionais, produzem um cenário de desgaste físico e emocional recorrente. A título de ilustração, dentre os 21 entrevistados, 7 citaram o excesso de burocracia, 10 atribuíram que o maior desafio está ligada à falta de valorização da classe. Baixos salários e indisciplina / desinteresse dos alunos foram apontadas 10 vezes e ainda, a falta de apoio familiar foi mencionada 5 vezes nos questionários.

Tais fatores evidenciam que o reconhecimento social do professor ainda se encontra fragilizado, o que contribui para a construção de uma identidade profissional marcada pela luta e pela resistência. Nesse contexto, os participantes 4 e 11, sinalizam como desafios da profissão:

Figura 02: Desafios da Profissão



Fonte: elaborado pelos autores.

Ao analisar os discursos apresentados, percebe-se que diante da desvalorização, muitos docentes reafirmam o sentido de sua atuação na formação humana, ancorando-se no vínculo afetivo com os alunos e na realização pessoal advinda dos resultados pedagógicos alcançados.

A formação inicial, majoritariamente oriunda das licenciaturas, mostrou-se um aspecto relevante na constituição da identidade docente, embora apresente lacunas significativas no que se refere à preparação para os desafios práticos da escola contemporânea. Essa constatação reforça a necessidade de repensar os currículos de formação, de modo a articular os saberes teóricos aos saberes experienciais que emergem do cotidiano da sala de aula.

Os professores destacam, ainda, que o fortalecimento da carreira depende de políticas efetivas de valorização, que incluem remuneração compatível, condições adequadas de trabalho, apoio emocional, formação continuada e reconhecimento social.

Como fica evidente na resposta do Participante 21:

Melhorias salariais, condições de trabalho adequadas, segurança e auxílio psicológico, maior envolvimento dos responsáveis com a escola, mais ensino e menos burocracia. Acredito, além disso, que dentro da perspectiva do Novo Ensino Médio, os itinerários deveriam ser mais bem definidos e as disciplinas obrigatórias mais exploradas.

Percebe-se na fala do participante supracitado, bem como, de outros que contribuíram com o estudo, que as reformas educacionais recentes, especialmente a implementação do Novo Ensino Médio, figuram entre os fatores mais impactantes no cotidiano docente. Os participantes relataram que as mudanças curriculares e organizacionais trouxeram aumento da carga horária, necessidade de lecionar em áreas distintas da formação original e dificuldades de planejamento pedagógico.

Embora o discurso oficial sustente a ideia de flexibilização e autonomia, a percepção dos professores é de que tais mudanças ocorreram de forma verticalizada, sem o devido suporte técnico e estrutural, resultando em sobrecarga e sentimento de desamparo profissional.

A esse respeito, o participante 18 afirma que:

Aumento nas minhas horas de planejamento, já que ministrei disciplinas para as quais não fui formada e orientada de forma adequada, aumentando minha carga de trabalho. Não temos suporte da supervisão, não perguntaram para mim se eu queria lecionar projeto de vida - por exemplo, sou formada para lecionar história.

Em relação aos itinerários formativos revelou-se uma visão ambivalente, ou seja, ao mesmo tempo em que se reconhece a intenção de aproximar o ensino da realidade dos estudantes, critica-se a falta de clareza, estrutura e formação adequada para sua efetivação. Para muitos, a flexibilização prometida pelo modelo se restringe ao plano normativo, sem alcançar a prática pedagógica, o que reforça a sensação de distanciamento entre as políticas educacionais e a realidade das escolas. Observa-se no discurso do Participante 6:

São muitas horas de itinerário formativo, o que não significa que são de qualidade, já que falta orientação aos profissionais da educação sobre temas a serem trabalhados e materiais disponíveis. Muitas vezes, os professores mesmos são quem decidem sobre os conteúdos e práticas acerca das disciplinas, sem qualquer orientação no MEC, da BNCC, dos currículos estaduais ou da própria proposta pedagógica da escola.

As narrativas dos docentes também apontaram que o sentido atribuído à profissão foi se transformando ao longo da carreira. A evolução tecnológica, as mudanças no perfil discente e o aumento da burocracia administrativa exigiram adaptações constantes, mas, simultaneamente, geraram sentimentos de desgaste e de desvalorização.

Sustentado em Ciampa (1987), percebe-se que a identidade profissional, nesses termos, mostra-se dinâmica, metamorfoseada, tensionada entre a necessidade de se reinventar e a falta de reconhecimento institucional que sustente tal processo. A esse respeito, encontra-se na fala do Participante 8, o impacto das tecnologias, das políticas e do envolvimento dos discentes na constituição do ser professor, já que ela afirma que *“as redes sociais contribuem para o desinteresse dos alunos e a polarização da política elegem os professores como alvos.”*

Entre os discursos, observa-se na fala do Participante 6:

Há uma necessidade constante de se adaptar a novos currículos, metodologias de ensino, aumento de carga horária e de disciplinas devido a implantação das escolas de tempo integral, bem como uma dificuldade cada vez maior de comunicação e gestão democráticas nas escolas. Parece-me que a capacidade de resolver os problemas cotidianos diminuíram, enquanto os mesmos aumentaram por causa da quantidade de frentes/demandas que a escola precisa atender hoje.

Ou seja, a sensação de desamparo, cobranças e falta de reconhecimento social são constantes para os educadores, sendo que tais elementos corroboram com a identificação com a profissão, como um lugar de lutas, desamparos e falta de assistência.

Observando tais depoimentos e analisando toda a questão, vislumbra-se que o trabalho docente é compreendido como um ato de resistência — uma prática que demanda empatia, criatividade, paciência e resiliência. Entretanto, o tempo, elemento central do fazer pedagógico, surge como um dos principais obstáculos: às múltiplas exigências burocráticas e o acúmulo de funções comprometem tanto o bem-estar emocional quanto a qualidade do ensino.

Nessa lógica, alguns participantes alegam o desejo de sair da profissão, com destaque para o Participante 8 ao firmar que *“Desejo sair da profissão enquanto ainda*

estou saudável”. Por sua vez, o Participante 16 alega que *“a situação deve piorar. Meu objetivo é ir deixando a escola aos poucos e migrar para outras áreas”*; enquanto que o Participante 1, deixa evidente, *“não me vejo nessa profissão.”*

Em síntese, os resultados indicam que a construção de identidade docente na contemporaneidade é atravessada por paradoxo: de um lado, a desvalorização, o cansaço e a instabilidade; de outro, o compromisso ético, o desejo de transformação e a busca por reconhecimento. Essa tensão constitui o cerne da experiência de ser professor hoje — uma experiência que, apesar de fragilizada pelas condições de trabalho, mantém-se viva pela força simbólica e afetiva que ancora a profissão na esperança e na possibilidade de mudança social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida evidenciou que o “ser professor” na contemporaneidade configura-se como uma construção simbólica e identitária em permanente movimento, resultante do entrelaçamento entre dimensões pessoais, institucionais e sociais. A partir da teoria das Representações Sociais, foi possível compreender que a identidade docente se ancora em valores tradicionalmente objetificadas no imaginário coletivo sobre a profissão.

Contudo, essas representações, que outrora sustentavam o reconhecimento e o prestígio social do magistério, encontram-se hoje tensionadas por novos significados que emergem das transformações estruturais e tecnológicas da educação, como a implementação do Novo Ensino Médio e o avanço da inteligência artificial.

Os dados empíricos revelam que os professores entrevistados reconstróem continuamente a imagem de si mesmos diante das demandas que lhes são impostas. A ancoragem — entendida como o processo de inserção do novo no já conhecido — manifesta-se na tentativa dos docentes de reinterpretar as mudanças educacionais a partir de valores tradicionais de compromisso ético e transformação social. Mesmo diante da precarização do trabalho, das reformas curriculares desarticuladas e da crescente perda de autonomia, os professores ressignificam seu papel a partir de narrativas que evocam o sentido de missão, resistência e pertencimento à profissão.

Por outro lado, a objetivação — que transforma conceitos abstratos em imagens concretas — evidencia-se nas representações materiais e discursivas do cotidiano escolar. A sobrecarga, o cansaço, a desvalorização e a falta de apoio institucional tornam-se símbolos visíveis de uma identidade profissional marcada pela luta e pela resistência. As falas dos participantes, ao descreverem o exercício docente como “complexo”, “desgastante” ou “ato de resistência”, traduzem a internalização coletiva de um papel social que, ao mesmo tempo em que sofre desestabilizações, é continuamente reafirmado pelo engajamento ético com o processo educativo.

Assim, as representações sociais do ser professor, ancoradas em tradições de altruísmo e dedicação, são objetivadas em experiências concretas de sofrimento, resiliência e esperança. A docência, neste cenário, é simultaneamente espaço de vulnerabilidade e de potência. As narrativas docentes analisadas apontam que, embora as reformas educacionais recentes e as condições precárias de trabalho fragilizam a identidade profissional, persiste a crença na educação como instrumento de transformação individual e social. Esse duplo movimento — de ruptura e reconstrução — constitui o cerne das representações contemporâneas da profissão.

O processo de ancoragem das novas práticas e discursos educacionais ainda se encontra em estágio incipiente. As mudanças trazidas pelo Novo Ensino Médio, por exemplo, foram assimiladas com dificuldade e, muitas vezes, percebidas como imposições externas, desprovidas de diálogo com a realidade escolar. Essa falta de correspondência entre o discurso político e a prática cotidiana impede que as novas representações se estabilizem, gerando sentimentos de incerteza e descontinuidade. O professor, nesse contexto, vê-se diante de um conflito identitário: entre a tradição que o sustenta e a inovação que lhe é imposta.

Diante desse panorama, torna-se evidente que a identidade docente é uma construção social dinâmica, sustentada pela mediação simbólica das representações sociais e pelo modo como o professor se reconhece e é reconhecido em seu meio. O discurso da resistência emerge, portanto, como forma de objetivar a crise e, simultaneamente, de reafirmar a própria existência profissional. As representações de si, elaboradas pelos docentes, funcionam como mecanismos de proteção psíquica e coletiva frente às tensões impostas pelo sistema educacional contemporâneo.

Conclui-se que as representações sociais do “ser professor” revelam o contexto identitário permeado por ambivalências: entre a desvalorização e a esperança, entre o desgaste e a realização, entre a alienação e a reinvenção. O estudo evidencia que,

embora o cenário educacional atual imponha desafios significativos à docência, a ancoragem em valores éticos e o processo contínuo de objetivação das experiências cotidianas permitem que o professor mantenha viva a crença na relevância de seu papel social. Assim, compreender essas representações não apenas ilumina a complexidade da identidade docente, mas também oferece subsídios para a formulação de políticas públicas e estratégias de formação que reconheçam o professor como sujeito histórico, simbólico e transformador.

ABSTRACT

This study aims to understand how the social representations of "being a teacher" influence the processes of constituting teacher identity in contemporary times, especially in the face of the transformations caused by the implementation of the New High School curriculum and recent social and technological changes. It is justified by the growing precarization of the profession, marked by workload, social devaluation, and the absence of effective appreciation policies, factors that directly impact how these professionals perceive themselves and act. The research was conducted with 21 high school teachers from the cities of Cordislândia and São Gonçalo do Sapucaí (MG), through open-ended questionnaires applied outside the school environment, due to institutional restrictions. The adopted methodological approach was qualitative, with convenience sampling and content analysis performed with the aid of the ATLAS.ti software, allowing the categorization and interpretation of the participants' statements. The results reveal that teachers build their professional identities based on narratives marked by resistance and ethical commitment, even in a scenario of devaluation and instability. Social representations present themselves as symbolic mechanisms that support remaining in the profession, highlighting tensions between tradition and innovation, between social recognition and daily wear and tear. The study contributes to the debate on public policies and teacher training by highlighting the importance of listening to teachers and understanding the meanings they attribute to their practice and the profession itself.

Keywords: Teacher identity, Social representations, New High School, Professional appreciation.

Agradecimentos

A pesquisa foi viabilizada pelo apoio e concessão de bolsa de Iniciação Científica na graduação pela Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas – UNIS MG no ano de 2025.

REFERÊNCIAS

- Carmo, Carlos Roberto Souza; LIMA, Adriano Davidson de. **Métodos quantitativos e Pesquisa contábil: um estudo de caso relacionado a pequenas amostras de dados.** *CONTABILOMETRIA - Brazilian Journal of Quantitative Methods Applied to Accounting*, Monte Carmelo, v. 5, n. 1, p. 92-10,009, jan.-jun./2018. Disponível em:
<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/contabilometria/article/view/10,0025/0>. Acesso em: 21 de setembro de 2025
- Dalla Valle, P. R., & Ferreira, J. L. (2025). **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação.** *Educação em Revista*, 41(41). Disponível:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/?format=html&lang=pt> Acesso em 21 de agosto de 2025
- Downing, Douglas; Clark, Jeffrey. **Estatística aplicada.** Tradução de Alfredo Alves de Faria. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- Gatti, Bernardete A. **Formação de professores: condições e problemas.** *Revista Internacional de Formação de Professores*, Itapetininga, v. 1, n. 2, p. 161–171, 2022. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/716>. Acesso em: 7 nov. 2025. Acesso em 06 de novembro de 2025
- Jesuíno, J. C., Mendes, F. R. P., & Lopes, M. J. (Orgs.). (2015). **As representações sociais nas sociedades em mudança.** Petrópolis, RJ: Vozes
- Moreira, Alessandro Messias. **Representação social do “ser professor” e construção identitária docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Básico de Humanidades da Universidade de Taubaté – UNITAU, 2012. Disponível em:
<http://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2010/dissertacoes/Alessandro_Messias_Moreira.pdf>. Acesso em: 06 de março de 2025. Moreira, Alessandro Messias.;
- CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. **Ser Professor: representação social e construção identitária.** Curitiba – PR: Editora Appris, 2015.
- Moscovici, Serge. **A representação social da psicanálise.** Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Zahar Editores, 1978.

Moscovici, S. (2012). **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1961).

Portal Qedu. Disponível em:

<https://qedu.org.br/municipio/3162005-sao-goncalo-do-sapucaia> Acesso em 14 de março de 2025.